

À DESCOBERTA DE UM CORANTE MILENAR: O QUERMES

*Esta pesquisa sobre um corante milenar, o **quermes**, foi realizada em forma de entrevista por Ana Rita Casimiro com o objetivo de recolher informação de forma mais interativa. As entrevistas à investigadora Paula Nabais (perguntas 1 a 5) e ao aluno de mestrado Artur Neves (perguntas 6 a 9) tiveram lugar no Departamento de Conservação e Restauro, no âmbito de Introdução à Conservação e Restauro.*

Tal como a cochinha o quermes é um insecto parasita. Porque acha que os antigos usam estes animais para a extração do vermelho?

Os motivos que poderão ter levado as antigas civilizações a iniciar o uso destes corantes estão tanto relacionados com a sua cor como com a sua durabilidade. Naqueles tempos havia poucas cores naturais com vermelhos tão saturados que pudessem ser usadas para tingir tecidos ou como pigmento. Sabemos que estes insectos cresciam em regiões muito específicas, e eram utilizados localmente ou comercializados para outros países através das rotas comerciais que existiriam na altura. Já o início da sua utilização pode por vezes parecer um mistério. No entanto, apesar de pequenos, estes insectos são bastante visíveis durante a época de acasalamento, pois as fêmeas incham com os ovos e com um corante vivo, que imediatamente mancha de vermelho.

Sabe-se que o parasita quermes é dos materiais mais antigos para extrair o corante vermelho. Consegue precisar uma data para a sua utilização?

Existem provas que este corante já seria conhecido por alguns povos do Neolítico. Um exemplo será a sua identificação num tipo de pasta feita com carne, descoberta com restos mortais na Provença (França). Para o seu uso como corante para tingir tecidos, no entanto, já não haverá uma datação tão específica, mas deverá remontar às civilizações antigas. Efetivamente, Plínio, Dioscórides e Teofrasto¹, referiam já este corante e a sua importância na Antiguidade Clássica.

¹ Plínio (?-79 AD), Historia Natural XXIV; Dioscórides (40-90 AD), De Materia Medica; Teofrasto (350-287BC), Historia Plantarum

Não se conhecem receitas para o quermes. Se quisesse extrair o seu corante como faria?

Utilizaria como base referências de tinturaria, como as descritas no livro de Dominique Cardon, e outras descrições disponíveis (Cardon, 2007). Sabe-se que colocariam os insectos a secar ao sol durante variados dias, e por vezes, até separavam os ovos do corpo da fêmea. Para obter uma coloração mais vermelha-púrpura, colocavam em vinagre durante três ou quatro dias, sendo de seguida filtrado e espalhado sobre panos, para secar ao sol, e por fim moído. Para tingir, era comum utilizar *aqua fortis* (ácido nítrico, HNO_3 , preparado com mistura de alúmen ou vitriol com salitre (nitrato de potássio)) e adicionar o corante, com mordente e tártaro.

Em relação ao pau de brasil que é proveniente do mundo vegetal, o quermes é do mundo animal e consegue reproduzir-se. Porque acha que deixou de ser utilizado para a extração do corante vermelho?

Com a expansão ibérica para o novo mundo no início do século XVI, a corte espanhola iniciou o comércio de uma nova espécie de cochonilha, enquanto os portugueses importavam o pau-brasil. Os tintureiros europeus rapidamente perceberam que a cochonilha apresentava um poder colorante bastante superior ao do quermes, logo, era necessária substancialmente menos quantidade de corante que com o inseto quermes. O pau-brasil vindo do brasil substituiu a espécie vinda do Sri Lanka que seria mais cara. Este fator económico levou, inevitavelmente, ao aumento da procura de outros corantes em relação ao quermes.

Se estivesse a fazer a investigação sobre o quermes e a extração da sua cor qual o seu grande objetivo? Por onde começaria?

Começaria pela pesquisa bibliográfica, reunindo referências que me poderiam assistir no desenvolvimento de um procedimento experimental. Procuraria explorar uma receita que me permitisse alterar as quantidades dos diferentes componentes por forma a verificar a sua influência no resultado final. Confirmaria, constantemente, componentes como o pH, que poderiam ajudar nesta descoberta do papel de cada material. Penso que desta forma, o meu objetivo final, seria a compreensão da receita em todas as suas partes, por forma a compreender os métodos e técnicas medievais.

Qual o seu interesse no quermes para obter um pigmento (laca de quermes)?

A laca do quermes é um dos mais antigos corantes usados na Idade Média. E por isso a ideia foi procurar reproduzi-lo como na época medieval.

Como procedeu para a extração da cor dada pelo quermes?

Para a extração do corante e reprodução do pigmento segui duas vias: obtive o pigmento ou extraíndo o corante directamente do insecto *Kermes vermilio* ou de lã tingida para formar uma laca de *cimatura* (os dois processos usados na época medieval). Para extrair o corante directamente do insecto, pulverizei inicialmente o quermes e coloquei a extrair em água de cinzas (aquecendo a mistura a 40°C - 60°C). Após obtenção de uma solução bastante corada foi medido o pH (neutro). As cascas do insecto foram removidas realizando uma centrifugação. Seguidamente procedeu-se à adição de alúmen e verificou-se a formação de um precipitado. Procedeu-se a uma centrifugação permitindo assim a separação do precipitado (laca de quermes).

De onde tirou a receita para fazer a laca de quermes

Para a extração do corante e produção da laca de quermes baseei-me na receita nº11 do tratado medieval de Jean le Bègue, inserido na recolha de Mary Merrifield (Merrifield, 1999), e na reconstrução dessa mesma receita realizada por Rossen-Runge (1986). Para o tingimento da lã utilizei indicações do livro *Natural dyes* de Dominique Cardon (Cardon, 2007);

O resultado que obtive ao fazer a laca de quermes foi o que esperava?

Sim, foi o que eu estava à espera. A laca de quermes, dependendo do pH e de outros factores, pode ser produzida com diferentes tonalidades em redor da cor base: vermelho (alaranjado), carmim (vermelho) escuro ou púrpura (vermelho com um pouco de azul).

Referências:

Dominique Cardon. *Natural Dyes: Sources, Tradition, Technology and Science*. London: Archetype Publications, 2007, pp. 4-17; 607-619.

H. Schweppe, H. Roosen-Runge. *Carmine – Cochineal Carmine and Kermes Carmine* in *Artists' Pigments: A Handbook of Their History and Characteristics*, Vol. 1, 1986, pp. 255 – 298.

Mary P. Merrifield. *Medieval and Renaissance Treatises on the Arts of Painting*. 2nd Ed. New York: Dover Publications, Inc., 1999, pp. 50.

LACAS OBTIDAS A PARTIR DA EXTRAÇÃO DOS COLORANTES DO INSECTO

Laca de quermes	Observações
	Cor vermelha com tons arroxeados.
	Cor vermelha escura. Das três experiências foi a que maior quantidade de laca produziu.

LACA OBTIDA A PARTIR DO TINGIMENTO DA LÃ

